



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

O sepulcro estava mesmo vazio! Não há corpo, ossos e cheiro só o dos perfumes que as prendadas e extremosas amigas haviam levado para ungir o corpo de Quem se julgava defunto! Parece que de pouco valeu a Palavra do Mestre da Galileia que havia avisado que a aparente tragédia iria acabar numa vitória retumbante porque, afinal, os “sepulcros” são apenas passagens e não lugares de perpétua vida: somos de outros espaços e realidades!

Reina a tristeza e a frustração por uma esperança que parece que ficou suspensa na cruz, apesar do Enviado dela já ter sido retirado! Parece que tantas e múltiplas vezes o mesmo sentir impera e teima em perpetuar-se num ser e viver que, copiosamente, chora a morte e a ausência de Quem jamais morre, porque venceu, e Se afasta: mas custa a aceitar... custa acreditar! Custa vivê-Lo! Mas o facto é que o Homem ressuscitou mesmo!

Há quem prefira ter parado o calendário na Sexta-feira Santa, deixando “pendurado” o Crucificado ou até “confiná-Lo” eternamente no sepulcro para que não venha “meter-Se” connosco e com as nossas coisas, estragando-nos o “negócio” ou desfazendo as nossas lógicas e argumentos: é que, por vezes, isso de Deus e de fé pode mesmo complicar-nos a vida precisamente porque implica e compromete a vida! E há “esquemas” mais rentáveis que os de Deus!

Mas... prova-me!? Queremos tudo provado por A+B, como se a vida pudesse ser confinada a um tubo de ensaio que, com umas misturas, se transforma em fumo branco!

Hei-Lo vivo, rolando pedras de tantos sepulcros onde nos escondemos como “vivos mortos”, em tanta gente que deixou de ser pessoa e pessoas que deixaram de ser gente! Hei-Lo ressuscitando, devolvendo-nos ser, beleza, identidade e vida nos crucificados deste mundo, tantas vezes frio, vazio e triste! Hei-Lo nos caminhos das nossas Emaús, abrindo-nos as Escrituras e fazendo-nos arder o coração! Hei-Lo repartindo o pão à mesa do Banquete! Hei-Lo vivo e, apesar dos sinais da Sua presença e acção, apesar das mulheres e dos discípulos nos dizerem que não O encontraram no sepulcro, apesar de nos dizerem que lhes apareceu e lhes enviou a transmitir que Ele é Vivente, continuamos a exigir “ver para crer”. Queremos ver para acreditar. Ver a marca dos cravos, meter o dedo no lado... pois! “Ver para crer” porque “longe da vista, longe do coração”! Mas não será o coração que torna tudo mais perto? Já dizia a Raposa ao Principezinho que “só se vê bem com o coração”! Não, neste caso não precisamos “ver para crer” mas sim “crer para ver”. Nós partimos do crer para atingirmos a visão! O “crer” dispensa provas porque já é ver, porque sente, porque vive! O Ressuscitado só será plenamente “visto” e provado quando, verdadeiramente n’Ele acreditarmos! Quando creio, sou capaz de me transfigurar n’Ele e com Ele me identificar. Com Ele sou capaz de ser mais eu e viver d’Ele, por Ele e com Ele. Digam lá se isso não é bem melhor do que vê-Lo?

Se O “veja” é sinal que estou “fora d’Ele”, mas se creio é sinal de que estou “dentro d’Ele”! Prefiro não vê-Lo! Nunca Te “mostres”, Jesus! Não me “apareças”...prefiro-Te dentro de mim! Afinal, só se vê mesmo bem com o coração!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

II DOMINGO DA PÁSCOA

Domingo da Divina Misericórdia

1ª Leitura

Actos dos Apóstolos 4,32-35

«Um só coração e uma só alma»

2ª Leitura

1 João 5,1-6

«Todo o que nasceu de Deus vence o mundo»

Evangelho

São João 20,19-31

Oito dias depois veio Jesus



A Palavra de Deus deste II Domingo da Páscoa apresenta-nos a comunidade de Homens Novos que nasce da Cruz e da Ressurreição de Jesus: a Igreja. A sua missão consiste em revelar aos homens a vida nova que brota da Ressurreição.

Na primeira leitura temos traços da comunidade ideal: é uma comunidade formada por pessoas diversas, mas que vivem a mesma fé num só coração e numa só alma; é uma comunidade que manifesta o seu amor fraterno em gestos concretos de partilha e de

dom e que, dessa forma, testemunha Jesus ressuscitado.

No Evangelho sobressai a ideia de que Jesus vivo e ressuscitado é o centro da comunidade cristã; é à Sua volta que a comunidade se estrutura e é d’Ele que ela recebe a vida que a anima e que lhe permite enfrentar as dificuldades e as perseguições. Por outro lado, é na vida da comunidade, na sua liturgia, no seu amor e, principalmente, no seu testemunho, que os homens encontram as provas de que Jesus está vivo. A presença de Cristo ao lado dos seus discípulos é sempre uma presença renovadora e transformadora. É esse Espírito

que Jesus oferece continuamente aos seus, que faz deles homens e mulheres novos, capazes de amar até ao fim. É esse Espírito que Jesus oferece aos seus, que faz deles testemunhas do amor de Deus e que lhes dá a coragem e a generosidade para continuarem no mundo a obra de Jesus.

A comunidade tem de ser o lugar onde fazemos, verdadeiramente, a experiência do encontro com Jesus ressuscitado. É nos gestos de amor, de partilha, de serviço, de encontro e de fraternidade que encontramos Jesus vivo, a transformar e a renovar o mundo.

A segunda leitura recorda aos membros da comunidade cristã os critérios que definem a vida cristã autêntica: o verdadeiro crente é aquele que ama Deus, que adere a Jesus Cristo e à proposta de salvação que, através d’Ele, o Pai faz aos homens e que vive no amor aos irmãos. Quem vive desta forma, vence o mundo e passa a integrar a família de Deus.

SABIAS QUE...



... São catorze as Obras de Misericórdia? As Obras de Misericórdia são acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, dos nossos irmãos, nas suas necessidades corporais e espirituais. Sendo em número de catorze, as Obras de Misericórdia dividem-se em dois grupos: as Obras de Misericórdia Corporais e as Obras de Misericórdia Espirituais. Assim, as Obras de Misericór-

dia Corporais são sete e têm origem na narração do episódio do Juízo Final feita por São Mateus (Mt 25,31-16), na qual são enumeradas por Jesus: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada aos peregrinos, visitar os enfermos, visitar os presos e enterrar os mortos. Nesta mesma passagem, Jesus afirma que “todas as vezes que fizestes isto a um dos Meus irmãos mais pequenos a Mim o fizestes”.

Por outro lado, a lista de Obras de Misericórdia Espirituais foi elaborada pela Igreja tendo como ponto de partida outros textos bíblicos, bem como atitudes e ensinamentos passados pelo próprio Jesus. Da mesma forma que as Corporais, são, igualmente, sete as Obras de Misericórdia Espirituais: dar bons conselhos, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os tristes, perdoar as injúrias, sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo e rezar a Deus por vivos e defuntos.

São, pois, muitas as Obras de Misericórdia que poderemos levar a cabo, permitindo a quem as pratica sentir a graça de Deus, ser conduzido no caminho de aproximação e semelhança a Jesus, enquanto nosso modelo na relação que deveremos ter com os irmãos, reduzir a pena pelos seus pecados e avançar no caminho para a plenitude do Céu. Que Jesus Misericordioso nos ilumine com a sua misericórdia em todas as nossas obras.

Fonte: opusdei.org

POR CÁ

Renovar a acção evangelizadora através da participação de todos



“A experiência da Ressurreição de Jesus Cristo “é essencial” para a Diocese de Angra, em todas as suas dimensões e comunidades, sobretudo numa altura em que todos os diocesanos são convidados à caminhada sinodal a partir de uma “renovada acção evangelizadora”, afirmou D. João Lavrador na homilia da Missa de Páscoa, celebrada na Sé de Angra.

“Se a experiência da Ressurreição de Jesus Cristo é fundamental para a vitalidade da vida pastoral da comunidade cristã e para a alegria de cada baptizado, é essencial para a nossa Diocese, em todas as suas comunidades, serviços e movimentos, carismas e agentes pastorais, quando somos convidados a uma renovada acção evangelizadora através da participação de todos na missão da Igreja”, explicou.

D. João destacou ainda que na Ressurreição de Cristo somos “interpelados” a uma vivência cristã a partir de

três dimensões da condição de discípulos de Jesus Cristo: “A primeira refere-se à vida cristã como experiência de encontro com Jesus Ressuscitado; a segunda diz respeito à vida comunitária como essencial para sentir a Ressurreição de Jesus Cristo; e a terceira diz respeito à missão de anunciar e testemunhar Aquele que se nos revelou Ressuscitado”.

Na segunda dimensão, o bispo de Angra incentivou a uma “integração comunitária cada vez mais forte e lúcida” e explicou que sem comunidade, a fé cristã “desvirtua-se em ideologia ou em mera opinião pessoal”: “Nos tempos em que vivemos, a consciência de participação activa e consciente na Eucaristia e através dela na comunidade cristã é algo de fundamental para a descoberta de Jesus Cristo vivo e operante na vida de cada um e de cada comunidade”, desenvolveu.

POR LÁ

«Quando rezamos, nunca o fazemos sozinhos»

Na Audiência Geral da passada Quarta-feira, o Papa Francisco afirmou “que a oração dos cristãos é sempre parte de um “rio majestoso” de intercessões que atravessa a história da humanidade”. “Quando rezamos, nunca o fazemos sozinhos, mesmo que não pensemos nisso, estamos imersos num majestoso rio de invocações que nos precede e que continua, depois de nós. Um rio majestoso”.

Numa Catequese dedicada à “Comunhão dos Santos”, Francisco destacou que a Bíblia conserva, ainda hoje, orações ligadas a “histórias antigas, de libertações prodigiosas, de deportações e exílios tristes, de regressos emocionantes, de louvores derramados diante das maravilhas da criação”.

“Essas vozes são transmitidas de geração em geração, num entrelaçamento contínuo entre a experiência pessoal e a do povo, a da humanidade a que pertencemos”, precisou.

Essa “herança” de oração, assinalou o Papa, continua hoje a difundir-se, “com ou sem mensagens nas redes sociais”, nos momentos de “dor e felicidade”.

“As orações renascem sempre: cada vez que juntamos as nossas mãos e abrimos os nossos corações a Deus, encontramos na companhia de santos anónimos e santos reconhecidos que rezam connosco, que intercedem por nós, como irmãos e irmãs mais velhos que passaram pela nossa mesma aventura humana”, indicou.

O Papa rejeitou a ideia de que os católicos “adorem” os santos, sublinhando que esta veneração remete para “Cristo, único Senhor e Mediador entre Deus e o



homem”. “O santo faz recordar Jesus Cristo, porque ele percorreu esse caminho, de viver como cristão”, observou.

A intervenção realçou que esta santidade pode ser manifestada “até ao último momento” da vida.

“A santidade é um percurso de vida de encontro com Jesus, longo, breve, um instante. Mas é sempre testemunho”, apontou, elogiando os santos de todos os dias, escondidos, “da porta ao lado”.

Na ocasião, o Papa deixou uma saudação aos ouvintes de língua portuguesa: “Queridos irmãos, alegrai-vos e exultai, porque o Senhor Jesus ressuscitou! Na esteira dos santos, deixai-vos iluminar e transformar pela força da Ressurreição de Cristo, para que as vossas existências se convertam num testemunho da vida que é mais forte do que o pecado e a morte. Deus vos abençoe”, declarou.

Após a audiência, Francisco assinalou o Dia Internacional do Desporto ao Serviço do Desenvolvimento e da Paz, que se celebrou na passada Terça-feira, convidando à redescoberta do desporto como “acontecimento de equipa, para promover o diálogo solidário entre culturas e povos”.

ENTRE NÓS...

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia”

Neste II Domingo do tempo Pascal, Domingo dedicado à celebração da Divina Misericórdia, festa instituída pelo Papa São João Paulo II, seguindo as indicações da Santa Faustina Kowalska, religiosa polaca que, no início do século XX, teve um conjunto de visões de Cristo nas quais Lhe pedia, expressamente, a celebração e devoção à Sua Divina Misericórdia, será, no mínimo, pertinente questionarmo-nos de que forma temos recorrido à Divina Misericórdia e se a temos, ou não, colocado em prática.

A palavra Misericórdia tem a sua origem etimológica nas palavras latinas *miserere* (ter compaixão) e *cordis* (coração). Desta forma, conseguimos ter uma primeira definição de misericórdia: “ter compaixão do coração”. Uma definição simples que, todavia, encerra em si uma tal complexidade difícil de alcançar e, sobretudo, mostrar por meio de obras. Ser misericordioso é, pois, ser capaz de se colocar no lugar do outro, é ousar tentar sentir o que o outro sente, é olhar para a miséria do outro com os olhos do coração e não apenas com a razão!

Mas afinal é assim tão difícil ser misericordioso? No mundo actual, tal como há 2000 anos, são muitas as misérias com as quais nos deparamos: a miséria da fome, a miséria da discriminação, a miséria da solidão e do abandono, a miséria do sofrimento, da doença, a miséria

da falta de amor, a miséria do pecado. Perante todo este manancial de oportunidades de mostrar e praticar a nossa misericórdia é duro percebermos que, talvez, como cristãos, temos falhado demasiadas vezes no convite que o Mestre nos continua a fazer, diariamente, para sermos misericordiosos. Qual foi a última vez que demonstrei a “compaixão do coração”, do meu coração para com aquele jovem perdido nas malhas das dependências que me “chateia” todas as vezes que estaciono o carro e vou às compras? Alguma vez tirei um pouco do meu tempo e fui à prisão ver aqueles que, condenados pela justiça dos homens, estão sós e à espera que alguém lhes estenda a mão e lhes dê uma segunda oportunidade? Quantas vezes, por ver no outro uma cor de pele diferente ou por perceber que é de uma determinada origem étnica, recuei ou fui tomado pelo preconceito? Já fui alguma vez a um hospital ou a um lar de idosos falar com aqueles que esperam, dias a fio, por alguém que seja solidário com a sua dor ou com a sua solidão? Praticar a Misericórdia de Deus é mais que ir, todos os Domingos, à missa e dizer ou cantar (se for mais alto que o vizinho melhor) “Senhor Misericórdia, Cristo Misericórdia, Senhor Misericórdia!” A Misericórdia de Deus urge extravasar as portas das nossas igrejas, a Misericórdia de Deus urge sair das nossas “capelinhas” e ir procurar aqueles que estão se-

dentos dessa Misericórdia e, como na parábola do Bom samaritano, sejamos nós, conforme Jesus aponta, não o sacerdote nem o levita apenas cumpridores dos preceitos e da lei, mas, antes, o Bom samaritano que ajuda o homem que sofre, pois a Misericórdia passa por ver, parar e, por fim, tocar naquele que sofre, um toque de amor que pode mudar vidas, um toque de amor e de misericórdia que, efectivamente, muda vidas!

Assim, neste Domingo da Divina Misericórdia o caminho não é fácil, todavia, se dúvidas existissem, Jesus dissipa-as quando nos diz “prefiro a misericórdia ao sacrifício” (Mt 9,13). Este é um convite claro e preciso a que sejamos misericordiosos. Sejamos, então, cristãos não apenas de palavras e ousemos responder, afirmativamente e com prontidão, aos muitos convites que o Mestre nos continua a fazer. Quantas mais vezes vamos deixar o nosso barco na praia? Quantas mais vezes vamos deixar as nossas redes limpas mas na “podridão” da inacção? Quantas mais vezes vamos manter as velas fechadas e recusar o bom vento do sopro do Espírito que nos vem de Deus?

Sejamos cristãos de obras, de Obras de Misericórdia pois a Misericórdia é para ser praticada, sendo certo que seremos tanto mais misericordiosos quanto mais praticarmos a misericórdia para com os irmãos.